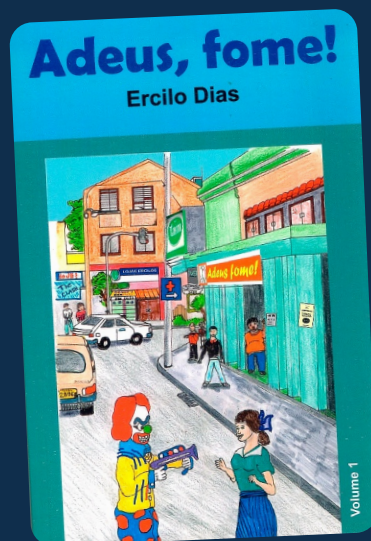


AMOSTRA GRÁTIS

Adeus, Fome!

Ercilo Dias



EPISÓDIO 10

O Rei da Cocada

Entre o caixa do banco e a cozinha da lanchonete, um novo personagem promete virar o dia de Laura e da equipe de cabeça pra baixo.

Vire a página e comece a ler →

EPISÓDIO 10

O Rei da Cocada

Laura tinha tirado a manhã para ir ao banco a fim de retirar o dinheiro para pagamento dos funcionários. Ela avisara que iria para lá na parte da tarde.

Enquanto isso, pela manhã, Paulo Panela já estava na cozinha avisando a todos que sua prima viera do norte, da Bahia, e estava passando uns dias lá na casa dele. Ela iria dar uma passada na lanchonete naquela manhã.

Xale vinha trabalhar e passou pelo pipoqueiro que o cumprimentou; depois, passou pelo jornaleiro que também o cumprimentou. Mas ao chegar na lanchonete, bem em frente à entrada, havia uma banca de camelô que, a bem da certeza, atrapalhava os transeuntes. Ele parou diante da banca e viu que estava cheia de cocadas, de vários sabores e cores. Uma tentação. Mas, o camelô que já providenciara um tijolo como cadeira, usava óculos escuros e uma camisa de botão aberta, florida com um jacarezinho bordado no canto superior esquerdo e que piscava um olhinho, acompanhado também de um cordão que imitava ouro. E berrava para todo mundo ouvir:

- Cocadas! cocadas fresquinhas que são o paraíso do paladar! vem provar!

E amiúde repetia esse slogan para todos. Xale se aproximou:

- Oi amigo. Sabe, sua banca está atrapalhando a passagem e...

Mas o camelô, que já ia atendendo um garoto gorducho, nem se incomodou:

- São duas por 10 cruzeiros! o senhor vai querer também?

- Eu tava dizendo que sua banca... - mas o frear de um ônibus ali perto cobriu sua fala. O camelô continuou:

- Ah, sim, tenho de abacaxi, de maracujá, coco queimado...

Xale gritou:

- Sua banca tá atrapalhando o caminho!

O camelô olhou-o de alto a baixo e sentiu-se indignado. Ele, que trabalhava honestamente, dando um duro danado para botar comida em casa e sustentar mulher e filhos, bom, a mulher nem tanto, porque ela vivia na casa da mãe ameaçando-o de sair de casa. Não, ele fazia parte da massa de trabalhadores desse Brasil Varonil. Mandou essa:

- O meu cumpadi, a casa tá bem posta do outro lado da calçada e eu to bem aqui. Só dar uma voltinha que você entra aí. Agora vai me deixar trabalhar ou não?

- Você que sabe. A dona vai reclamar. Eu avisei.

Xale ia entrando quando uma mulata gorda e toda cheia de bijuterias e pulseiras para na porta também. Ela fala com ele, com um sotaque nordestino bem carregado:

- Oi seu menino, aqui que trabalha o Paulo Panela?

- É sim, senhora. Quem deseja? - disse Xale.

- Vixe maria, sou eu, Raimunda, prima daquele cabra da peste! vim fazer uma visitinha a ele. Posso entrar?

- Claro! venha por aqui.

Eles entraram, enquanto mais gente chegava para comprar as cocadas. Lá dentro, após as apresentações Xale contou a história do camelô. Raimunda foi logo dizendo:

- Ah se é comigo! lá na Bahia não tem essas folgas não! sapeco um tabefe nas vendas do cabra! Arre!

Paulo Panela quis se mostrar:

- O que? ele te ignorou? vou lá mostrar pra ele com quantas pedras se faz uma canoa!

Xale pensou: "Não seriam paus?!", mas Paulo já tinha ido. Dois minutos depois voltava com seis cocadas na mão:

- E num é que as cocadas são boas mesmo?! trouxe pra vocês também!

- Acho que você não ajudou muito - disse Xale olhando para Raimunda. Mas, nesse momento Laura chega da rua:

- Ei! que bagunça é aquela na porta da lanchonete?! deixa eu guardar a bolsa que vou mostrar a ele!

- A gente tentou tirá-lo de lá... - disse Xale em nome de todos.

- Deixa comigo!

Laura guardou a bolsa num móvel com chave e foi lá para a porta da lanchonete. Encontrou o camelô atendendo duas estudantes:

- Podem escolher à vontade!

- Ei, você - disse Laura se aproximando - Não pode ficar aqui na frente da minha lanchonete, atrapalha o caminho dos clientes.

- Ih, olha só meu, a guria tá de zoação comigo! cheguei aqui antes de você abrir, logo o ponto é meu.

- Nada disso - ela retrucou e fechando os punhos - tire isso daqui. Vá lá para o outro lado da rua - e apontou para a outra calçada.

- Ô minha nega, já to na área e se derrubar é pênalti. Sair daqui? é ruim, hein!

E voltou a repetir seu slogan, fazendo ouvidos de mercador para Laura. Ela perde a paciência e nessa hora Xale e Paulo Panela vem ver o que está acontecendo. Laura derruba a banca, as cocadas caem e o camelô ajeita os óculos escuros furioso:

- Você vai ver, vacilona! vou reclamar com o rei da cocada! ele vai dar um jeito em você! - e começa a juntar as cocadas no chão. Pega a banca e sai pisando duro.

- Ah, ah, lá vai ele! ficou muito P da vida! - Paulo Panela ria a bandeiras despregadas. Xale chegou perto dela:

- Sujeitinho folgado né?

- Por hoje acabou. Cada um que me aparece...

Eles entram e voltam a trabalhar quando de repente uma trombeta aparece na porta e toca bem alto. Um tapete vermelho rola e se abre todo no meio do salão. Um baixinho usando roupas de nobre do século XVIII entra pisando no tapete e abre um rolo onde lê:

- Sua majestade, o Rei da Cocada, está nos aposentos e se faz presente! todos de pé!

Laura, Xale, a ajudante, Paulo Panela e Raimunda ficam se entreolhando quando uma figura vestindo uma roupa de rei, com cabelos cor de laranja e um cetro na mão entra majestosamente no recinto. Era o que faltava. Olha a todos de cima, fazendo cara de nojo e o baixinho diz:

- Sua majestade, o Rei da Cocada! - os clientes também se viram para ver. O Rei fala:

- Quem é o maior e mais esbelto rei de Panópolis?

- O rei da cocada - grita um coral vindo não se sabe de onde.

- Quem é o mais querido e amado desse mundo?

- O rei da cocada! - gritam umas mulheres vestindo roupas colantes, com chapéus coloridos e muita lantejoula. Elas dançam, saem de trás dele e cantam:

"O rei da cocada é o nosso doce governante

Sabe como agradar e nos dar doces divinos

Feitos com toda a sua glória e majestade!"

Dançam, rebolam e espalham purpurinas pelo salão. Xale comenta com Laura:

- Esse cara podia botar qualquer show no chinelo!

- Pois eu não tô gostando nada - disse Laura. E foi até ele:

- Que palhaçada é essa?

- Como se atreve a dirigir-se a mim, tão belo e majestoso como sou, usando tais palavras chulas? - e olhou-a do alto.

- Sou a dona deste lugar. Que faz aqui?

- Você destratou meu empregado. Sou o dono de todas as cocadas do mundo. Por isso sou o Rei da Cocada, o melhor, o mais bonito, mais elegante e mais arrojado de todos os reis desse mundo!

- E o mais convencido também! - disse Laura.

Ele nem a ouviu. Fez um sinal e outro servo se ajoelhou diante dele com uma caixa:

- Abra-a - ordenou. O servo assim o fez e de lá ele tirou um rolo dourado para ler:

- Por destratar um empregado do sumo, Excelentíssimo, nobre, excelso, maravilhoso Rei da cocada Vossa Senhoria terá a cabeça cortada! - o Rei da cocada esfregava suas unhas no peito olhando para elas. Uma das dançarinas lhe trouxe um espelho que ele ficou a mirar-se.

- Quê?! essa não - gritou Xale. Mas lá vinha um carrasco empurrando uma guilhotina. Nessa hora um burburinho se fez ouvir; o Rei da cocada ajeitava o cabelo. Laura instintivamente foi para trás e Xale ficou na frente:

- Saíam daqui seus malucos! - e eles avançavam. Mas nessa hora apareceu Paulo Panela que mastigava uma cocada e a sua prima Raimunda enfureceu-se:

- Eh sua cambada! palhaços de circo chinfrim! você vão se ver comigo! vou rodar a baiana aqui!

E rodou. Ela foi rodopiando, numa espécie de golpe de capoeira, acertando todos. O Rei da Cocada gritou:

- Acudam! não deixe a plebe me tocar! meu cabelo foi lavado hoje!

O baixinho empurrou o Rei para fora onde uma grande carruagem o esperava. Muita gente parou para ver na calçada e todos foram empurrados para dentro pela baiana. A carruagem partiu a galope e dava para ver os punhos do Rei da Cocada pela janela, ameaçando-os. Ficaram na calçada até sumirem de vista.

- Que cabritinho mais espalhado! vai fazer palhaçada em outra casa! - exclamou a baiana.

- Obrigada - agradeceu Laura - nem sei como agradecer.

- Você nos livrou de uma... - emendou Xale.

Eles entraram. Paulo Panela quis saber se ainda tinham cocadas lá fora, mas era tarde. Sua prima, Raimunda, o consolou:

- Não se avexe não primo, que vou fazer uns acarajés pra nós. Dona Laura, carece de eu usar a cozinha?

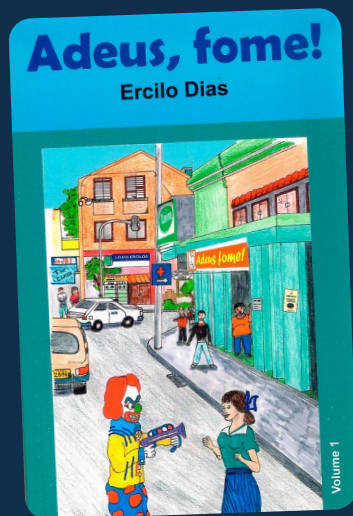
- Claro que não! vai ser bom pra gente, depois do expediente!

E após o expediente a baiana fez uns acarajés pra todos, que comeram ouvindo a nova canção da Blitz, a "A dois passos do Paraíso". Foi uma noite legal.

GOSTOU DO QUE LEU?

A aventura de Laura continua em "Adeus, Fome!"

Este foi só um capítulo. O livro completo tem 18 episódios de aventura, humor, suspense e reflexão social na incrível Panópolis — onde convivem trapaceiros, alienígenas e super-heróis.



Escaneie para comprar

www.adeusfome.com.br/compre.html

Ou fale direto pelo WhatsApp: (21) 99721-3751